

Expedição interdisciplinar 25 anos da Fundação Casa Grande: experiências e aprendizagens

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Erica Átem Gonçalves de Araújo Costa
Inês Sílvia Vitorino Sampaio

Introdução

A Expedição interdisciplinar 25 anos da Fundação Casa Grande: experiências e aprendizagens - a ser discutida no presente texto - reuniu três professoras e quinze estudantes dos cursos de Publicidade e Propaganda, Psicologia e Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará, no período de 16 a 20 de dezembro de 2017, em uma aula-viagem que partiu de Fortaleza para Nova Olinda, no Cariri. O objetivo da expedição foi realizar a cobertura colaborativa da comemoração dos 25 anos, da Fundação Casa Grande, entidade fundada em 1992, em Nova Olinda, Ceará, cujo foco de atuação articula a agência de crianças e adolescentes com memória, história, cultura, comunicação e artes.

Consideramos que a experiência se situa na perspectiva do conhecimento pluriversitário defendido por Boaventura de Sousa Santos (2011), baseado no diálogo entre as várias áreas do saber e entendido como “a concretização mais consis-

tente nas parcerias entre pesquisadores e movimentos sociais, organizações não governamentais de modo cooperativo e solidário” (p. 42-43). Nesta acepção:

O conhecimento pluriversitário substitui a unilateralidade pela interatividade, uma interatividade enormemente potenciada pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação (p.44).

Entendemos o exercício de sair da universidade como “(...) possibilidade de formação, um espaço sociocultural de construção do conhecimento, um movimento multirreferencial. É, em síntese, um espaço de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento” (AVENA, 2008, p.93).

O deslocamento da capital para o interior possibilitou fazer discussões e problematizações curriculares específicas que puderam ser olhadas e percebidas sob a ótica conjunta de crianças e adultos na perspectiva de “pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (Larossa, 2002, p.20).

Ultrapassar os muros da universidade significou reencontrar dimensões da aprendizagem que precisam da emoção, do corpo, da imaginação e do encantamento, assumindo, assim como Freire, que “conhecer é interferir na realidade conhecida” (2008, p.42).

Este artigo organiza-se em quatro seções, além desta Introdução. Na próxima seção, discutimos a relação da Fundação Casa Grande com a Universidade, seguida do item *A expectativa* que aborda a preparação para a viagem. No tópico *A Viagem*, recordamos a constituição do mapa afetivo como um mirante de onde olhar e viver essa experiência. A viagem entendida como deslocar-se de posições e certezas prévias. No seguinte, *O Encontro*, detalhamos a aproximação dos estudantes da UFC com a meninada da Casa Grande e ainda o processo de cobertura. Nas considerações finais, *A Viagem continua*, apontamos para a riqueza da experiência e a possibilidade de repetir a cobertura colaborativa nos próximos anos com nova turma de alunos.

A Casa Grande e a Universidade

A Fundação Casa Grande e a Universidade Federal do Ceará têm um histórico de atividades realizadas em conjunto desde a década de 1990, mais especifica-

mente com o curso de Comunicação Social, que resultou em vários trabalhos coletivos e ainda pesquisas individuais de conclusão de curso e de mestrado. Recentemente, a aproximação entre as duas instituições se deu por meio da disciplina de Educomunicação do Curso Sistemas e Mídias Digitais, que tem realizado, desde 2014, aulas-viagem para a Fundação Casa Grande com a intenção de conhecer de perto o trabalho educutivo feito com crianças e adolescentes em atividades que envolvem comunicação, memória e artes.

Esse acercamento, desde então, favoreceu a realização de dezenas de oficinas e rodas de conversa com os estudantes da UFC e ainda a produção de artigos com relatos dessas experiências. Também ampliou os laços de afeto e amizade tecidos nos muitos encontros de trabalho e também de lazer em Fortaleza e em Nova Olinda.

A Fundação Casa Grande foi fundada em 1992 e desde então vem celebrando em dezembro, data da sua criação, a Renovação do Sagrado Coração de Jesus e Maria, manifestação de fé comum às famílias do Cariri, momento e ato em que familiares e amigos revigoram a ligação com o sagrado, por meio de cânticos e rezas¹. Na Casa Grande a solenidade é realizada na sala de entrada, cuja parede frontal transforma-se em um santuário, todo ornamentado com imagens e outros elementos simbólicos da religiosidade, que retratam a fé e evocam a proteção aos moradores e visitantes.

A história da Casa Grande começa na verdade em 1982, 10 anos antes de sua fundação, com as andanças do casal de fundadores Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde pelo sertão nordestino da Chapada do Araripe². Nessas expedições, vendo, ouvindo e sentindo a mitologia do homem ancestral, documentando as lendas e achados arqueológicos, o casal já estava idealizando o que viria ser a Casa Azul – espaço vivo de criação e produção cultural, que tem a valorização da infância como marca e que guarda fragmentos de memórias atemporais.

1 Conforme informações do *release* Fundação Casa Grande completa 25 anos.

2 Idem

O nome Casa Grande faz referência ao imóvel sede da instituição que foi primeira edificação da cidade de Nova Olinda e que era ponto de apoio aos vaqueiros que passavam com as boiadas na estrada que ligava o Cariri ao sertão dos Inhamuns, no período da Civilização do Couro, final do século XVII³. A casa, que estava abandonada há décadas e fazia parte do folclore da cidade como sendo mal-assombrada, a partir de 1983 foi completamente restaurada para abrigar a Fundação e manteve as cores originais com paredes azuis com as portas e janelas em vermelho.

No período de recuperação da edificação, as crianças curiosas por natureza, foram se chegando e passaram a frequentar o espaço do Memorial do Homem-Kariri e aos poucos foram manifestando interesse pela história e pelas ações de comunicação que tiveram início com a radiadora *Voz da Liberdade*.

Atualmente as ações da Fundação Casa Grande estão organizadas em quatro laboratórios: Memória, Artes, Comunicação e Turismo. O Laboratório de Memória é responsável pelo acervo mitológico e arqueológico da pré-história do Homem-Kariri. O Laboratório de Artes está integrado ao Teatro Violeta Arraes - Engenho de Artes Cênicas com ações que envolvem a produção musical, como a Bandinha de Lata, Us Cabinha, a criação de um cineclube e um grande acervo de livros e gibis, cuidadosamente catalogados na biblioteca e na gibiteca, respectivamente. O Laboratório de Comunicação envolve a Casa Grande FM, emissora comunitária de baixa potência e a TV Casa Grande com canal no *Youtube* e produção sistemática de conteúdos audiovisuais. O Laboratório de Turismo trabalha a perspectiva do turismo comunitário na qual os roteiros são cuidadosamente pensados para provocar o menor impacto ambiental e apoiar as iniciativas de geração de renda na própria comunidade. Os visitantes ficam hospedados nas pousadas domiciliares criadas junto aos pais das crianças que atuam na entidade e podem visitar as belezas naturais da Chapada do Araripe. Passam pela Fundação Casa Grande, cerca de 65 mil turistas, por ano.

3 Informações do site <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>, acesso em 11.10.2018.

A expectativa

O convite para participar da cobertura colaborativa da festa de 25 anos da Fundação Casa Grande foi uma grata surpresa. Ao mesmo tempo em que se tratava de um gesto de muita confiança, era ainda um desafio reunir uma equipe de estudantes de Psicologia, Publicidade e Propaganda e de Sistemas e Mídias Digitais para realizar a cobertura de evento tão significativo.

O primeiro passo foi convidar os estudantes das disciplinas de Redação para Mídias Digitais e Educomunicação do curso de Sistemas e Mídias Digitais; Pesquisa e Comunicação, do curso de Publicidade e Propaganda, ambas do campus da UFC/Fortaleza e da disciplina de Seminários Avançados em Infâncias e Juventudes, do curso de Psicologia da UFC- campus Sobral.

Considerando que não seria possível levar todos os estudantes, cerca de 50 no total das três disciplinas, pela natureza da atividade a ser realizada, por limitações de transporte e pela ausência de condições de acomodar o grupo em Nova Olinda, optamos por estimular a participação voluntária. O grupo foi organizado então a partir de desejos e motivações espontâneas de quinze jovens estudantes.

O passo seguinte foi a realização de algumas reuniões presenciais com participação por Skype dos estudantes de Sobral, em que apresentamos a Fundação Casa Grande e a tradição dos festejos da cultura popular, como a Festa da Renovação. Muitos não conheciam a região e só tinham ouvido falar muito superficialmente sobre a instituição. Nesses momentos também foram definidas as equipes de trabalho: Vídeo, Identidade Visual, Fotografia, Rádio, Redes Sociais e uma equipe que documentaria a vivência da expedição. Às professoras caberiam a função de revisão e edição de conteúdo. Relacionamos ainda os equipamentos disponíveis, visto que a Casa Grande não dispunha de câmeras ou computadores para o grupo e tampouco poderíamos contar com a disponibilidade de recursos materiais da universidade. O grupo se organizou então com os dispositivos de uso pessoal ou ainda com equipamentos que conseguiram emprestado de amigos.

Recebemos da equipe de comunicação da Casa Grande algumas peças produzidas por eles, como a logomarca do evento e o projeto de identidade visual, o

site dedicado à cobertura da Festa da Renovação e a programação para publicação das postagens. Coube à equipe da UFC a redação final do release a ser enviado aos veículos de comunicação de Fortaleza e da região do Cariri, bem como a criação de um *mailing list* para envio de materiais.

Devido ao grande fluxo de pessoas para o evento, optamos por produzir um crachá de identificação para cada integrante da expedição, de modo a facilitar o acesso a todas as atividades.

Com tudo bem definido e planejado embarcamos rumo à Nova Olinda e à Renovação dos 25 anos da Fundação Casa Grande.

A Viagem

Este relato da *I Expedição em terra de crianças e adolescentes: 25 anos da Fundação Casa Grande* tornou-se possível agora, após quase um ano do trabalho realizado. Embora ressaltar cronologicamente essa experiência seja embaraçoso, pois dificilmente sairia algo tão fiel, o tempo tem outras dimensões como lembra o filósofo Walter Kohan (2007), ao falar de *aión*. *Aión*, diferente de *chrónos*, tem relação com a intensidade, com o acontecimento. Desse modo, vamos arriscar um relato aiônico, cujos episódios foram escolhidos pelos efeitos que ainda reverberam como plano comum (KASTRUP/ PASSOS, 2016), na nossa memória.

O percurso Fortaleza-Nova Olinda-Fortaleza foi feito pelo nosso grupo em um ônibus da Universidade Federal do Ceará. Éramos 18 estudantes e professores, além de dois motoristas. Seriam 12 horas de viagem pela frente, contando do ponto de partida - a entrada do campus do PICI, às 6h da manhã do dia 16 de dezembro de 2017.

O mapa que cada um traçou para essa viagem foi ganhando contorno aos poucos. Estávamos receosos com o calor, com o tempo na estrada, afinal passaríamos a tarde a caminho de Nova Olinda. O mapa e o grupo precisaram ser inventados no encontro. Nenhum dos dois estava dado antes da experiência.

Cada parada - o almoço, o banheiro, o combustível - foi reservando as surpresas e as aproximações entre os viajantes. Duplas e grupos de parceiros de viagens se alteraram, ora porque nos aglutinávamos no meio do ônibus para tomar al-

guma decisão - paramos para um lanche ou seguimos?- ora porque rompiam-se as fronteiras estabelecidas no nosso sistemas de lugares (NASCIMENTO, COIMBRA,2008) definidos por institucionalidades prévias - disciplinas, cursos, cidades, idades diferentes - e revogadas ali pelos contatos que criavam mais uma linha no mapa afetivo dessa viagem-experiência.

O clima durante o trajeto variou. Saímos frios, tímidos, desconfiados, embora entusiasmados e chegamos aos “30 graus, 35 graus, 37 graus!” Explicamos. Ainda faltavam alguns quilômetros para chegar em Nova Olinda, quando certamente acreditávamos que a temperatura baixaria em virtude da proximidade com um clima de chapada. Antes disso, acompanhamos com algazarra e euforia a marcação do termômetro do ônibus e fazíamos apostas quanto ao pico máximo de calor. Ríamos, como se estivéssemos esquentando as almas para os acontecimentos da primeira noite em Nova Olinda.

Chegamos, todos muito frios, aliviados com a temperatura amena da cidade caririense. Mas estávamos frios também quanto ao movimento do trabalho a ser feito. A casa Grande, azulinha, de cor fria estava em pleno vapor. Linha no mapa das intensidades, que flagrou tensões entre olhar e ser olhado pela tradição popular, ensinar e aprender, ser de casa ou estrangeiro. De algum modo, essas tensões borraram os lugares do território institucional, aqueles referentes à universidade como lugar privilegiado para construção do conhecimento. Nosso mapa dava pistas que seria mutante, e agora era mobilizado pelos efeitos das emoções do encontro com a tradição e sua materialidade histórica.

Olha, posso até ser pessoa qualquer, vinda de um lugar que não é aqui, que tranca portas e precisa de um abraço quase toda hora que passa fora de casa, mas depois disso tudo, depois que a magia se revela, que o espírito sopra uma baforada de vida, de dentro pra fora, não existe ninguém, em cima desse e de todo e qualquer chão, que permaneça pequeno e menor do que o céu. Agradeço, portanto, aos 25 anos de existência dessa casa de cores muitas de perder as contas, a essa cultura viva que faz tremer as pernas e o corpo inteiro, à sensação de completude e bem danado que me causa essa certeza de que estive, esta noite, diante de tudo o que é

divino. (Trecho do texto escrito por uma nos alunos componentes da equipe da UFC).

A apresentação do Grupo de Penitentes da Divina Cruz do Sítio de Cabaceiras de Barbalha⁴, foi na entrada da casa Grande, grupo composto de homens, entoando cantos religiosos. Algum desconforto quando cruzamos os olhares, quando eles e nós nos vimos. Estudantes fora dos estereótipos de gênero, crianças com domínio de fotografia, homens da tradição popular, convidados, *drones* e voos aéreos, curiosos, pesquisadores, transeuntes, estrangeiros...

O Encontro

Nos olhos de professores, estudantes e demais convidados, o olhar é de hipnose frente ao ritual de celebração da fé dos Penitentes de Barbalha, homens e meninos fervorosos que cantam, dançam e beijam a cruz. Intrigados, ao final, buscam entender: a quanto tempo o grupo existe? O que é preciso para dele fazer parte? Com qual idade é possível participar? Por que só homens? Uma a uma essas e outras indagações são respondidas pelo chefe do grupo que em sua fala simples e alguns gracejos, colhe palmas e risos, deixando no ar muitas dúvidas e questionamentos, em particular, quanto à dimensão de gênero tão cara aos debates universitários.

Os dias que se seguiram foram intensos, com atividades pela manhã, tarde e noite. O convite para colaborar na cobertura da festa incluía tornar-se, ainda que por alguns dias, parte da equipe da Casa, sendo convocados a atender a horários, cumprir tarefas de limpeza e cuidado da casa, colaborar com a recepção amorosa dos que ainda estavam por chegar. Nem todos conseguimos acordar e estar às 7h da manhã para deixar a casa em ordem.

Alguns viveram essa experiência com as crianças, adolescentes e adultos da casa, todos implicados.

4 O grupo de Penitentes de Barbalha é um grupo de religiosos que cultivam a tradição de rituais de cânticos e penitências para purificar o corpo e louvar a vida.

Na manhã do domingo, dia 17 de dezembro, a primeira atividade foi de planejamento, sob a coordenação de Filipinho Alves, um dos jovens da casa, coordenador de Comunicação, que contou com a colaboração de Lucas Nunes e Levy Pontes, meninos também da Fundação. Foi Filipinho - e não as professoras presentes da UFC - quem coordenou a apresentação e a formação de equipes (de texto, vídeo, redes sociais, fotos e rádio) e a distribuição de tarefas, que incluíram entre outras a produção de matérias sobre a professora Conceição Lopes e o curso de Arqueologia Social Inclusiva, sob sua coordenação, o desfile de moda Cariri e a festa da Renovação. Também ficou acertado que o álbum diário seria divulgado às 23h no Facebook e o número de fotos a serem postadas. Participamos, também, de uma visita guiada por Lucas Nunes nos espaços e laboratórios da Casa. No Laboratório de Rádio, na companhia dos meninos Levy Pontes e André Fernandes, foi possível acompanhar a condução da programação e compreender melhor a dinâmica da casa e do processo de aprendizado ali instaurado: os meninos mostraram total domínio sobre os equipamentos da rádio, bem como autonomia sobre a programação.

Ao longo do dia, uma preparação intensa e muita expectativa em torno do primeiro desfile de moda que ocorreria à noite. Neste caso, colaboramos com a preparação do espaço, buscando informações sobre as quatro coleções que seriam lançadas naquele dia. As três primeiras eram criações de jovens que foram crianças da Casa Grande e que hoje, jovens, continuam contribuindo com a gestão da entidade –Filipe Alves, *Modus* Cariri, de Suelânia Sousa, Casa de Arte, de Fabiana Barbosa e Ciências da Terra, de Francinalva Gomes– mas não fomos autorizados a ver o ensaio. Deveria ser para nós uma surpresa, como de fato foi, uma surpresa encantadora.

A singularidade e a riqueza daquela experiência cultural se revelaram no Teatro Violeta Arraes completamente lotado. Estávamos à frente de um desfile feito por *designers* da própria comunidade para a comunidade, e protagonizado por crianças, jovens, homens e mulheres da região a atuar como modelos. Exibiam orgulhosos em suas vestes, seus traços e adereços, lendas e brincadeiras, elementos da terra, fauna e flora do Cariri. Sob os aplausos generosos do público presente, esbanjavam a beleza, alegria e altivez de corpos mestiços e múlti-

plos em seus tamanhos e formas, na generosidade coletiva do seu modo de fazer. Afinal, como lembrou Fabiana Barbosa, uma das idealizadoras e designer: “Tudo o que vocês viram aqui foi feito pelas mãos de muitas pessoas.”

Ao fim do segundo dia, os estudantes dividiam seus sentimentos entre o fascínio frente a riqueza da experiência que acompanhavam e o questionamento sobre algumas dinâmicas da casa, em especial, quanto às atividades das crianças no cuidado e na limpeza, assim como sobre a percepção que tiveram de falta de acompanhamento da alimentação delas. *Aión* e *chrónos* forçam nossos corpos e fazem problema ao nosso entendimento, mas o nosso mirante insiste na reconhecimento: “E que horas as crianças vão para casa? E isso não é trabalho? Elas aguentam esse rojão?”

Na manhã da segunda feira, dia 18.12, 8h e alguns minutos, sentamos ao chão e/ou nos batentes do alpendre do pátio interno da Casa Grande, para uma conversa com Alemberg Quindins, idealizador do projeto da Fundação. A possibilidade foi surgindo de vários lugares. As perguntas dos estudantes da UFC eram um dos motivos, além da análise da cobertura do I desfile de moda e marcas criados por membros da Fundação, na noite passada, no teatro Violeta Arraes. Casa cheia, *flash*, meninos e estudantes juntos, equipe implicada, registros feitos, muita emoção, entrosamento.

Mas o Alemberg, de cócoras ali na nossa frente, numa simplicidade e perspectiva singular (nem de baixo, nem de cima), começa a perguntar e provocar a todos nós sobre o que gostaríamos de lembrar e que imagens deixamos para os que vão nos seguir. “Oxe, ele não gostou do trabalho da noite anterior, foi?” Crianças, estudantes, os jovens gestores da casa, nós todos assim meio espantados com a provocação.

Ele foi tecendo as pontuações até nos dizer que nossos registros tinham sido todos de um único lugar, ausência da exploração de alguns ângulos nas fotos e vídeos. Esquecemos de viajar, de nos deslocar dentro do teatro. Foi embaraçoso. Mas o Alemberg instaurou, naquele instante, outra insuficiência no nosso sistema de lugares: quem aprende, quem ensina? Haviam nossos estudantes viajado na expectativa de “ensinarem” a meninada do sertão a fazer comunicação? Essa abertura ou fissura não foi feita com explicações de que a Casa

Grande era um projeto de participação e autonomia das crianças, num outro plano de referência e etc. Ele não criou um outro lugar para nos explicar, o da justificativa. Foi possível ocupar o mesmo lugar de interlocução das crianças, como co-artífice, inclusive com o desconforto do suposto “erro” na noite anterior. Levamos carão. Não éramos crianças, éramos corresponsáveis, podíamos falar sobre a produção conjunta, sobre como devir diferente, sem muitas prerrogativas protetoras dos mais novos em idade, aliás mais experientes no quesito assembleia ou reunião no alpendre.

Sáímos transformados. Convencidos? Esse não era o caso, mas algo foi feito para que pudéssemos deslocar ainda mais radicalmente o mirante de onde olhar a Casa Grande. O que é mais desafiador é que ela nos convida a habitá-la e esses estranhamentos são ainda mais intrigantes porque vem junto com acolhimento, afeto, trocas. Você a interroga de dentro, ela abre as portas e permite que façamos nossas perguntas.

Então a Casa Grande ensina que as alianças precisam ser feitas incluindo dissensos, negociações, suspensões temporárias de certezas e verdades. Trata-se de um exercício bem diferente da atitude do colonizador. Chegar em uma terra estrangeira, exige disponibilidade a alterar-se, a ser outro de sua própria morada. Outra língua, outro sistema de referência. Como não tentar explicar com o já sabido, o já vivido? Foi preciso suspender um pouco mais, deixar-se povoar de outros povos, as tais memórias convocadas por Aemberg, povos de ontem e de hoje e que ainda nem se fizeram. Nem tudo é consenso e lidar com o conflito é também um aprendizado no encontro com o outro.

Na sequência das atividades, acompanhamos uma palestra de Aemberg Quindins sobre Gestão Cultural, no escopo do curso de especialização em Gestão Cultural que ocorria na Casa naquele fim de semana. Da sua fala, alguns recortes chamaram a atenção:

“As escolas brasileiras estão completamente desestruturadas para a cultura. Elas não incluem a cultura em seus espaços e atividades; Ausência de curso de gestão e comunicação nas escolas brasileiras”.

A tarde deste mesmo dia, um ônibus nos levou para visitar o Museu Orgânico do “Inventor do Sertão”, do Mestre Françuli, que produz artesanato em folhas

de flandres, entre as quais criações e miniaturas diversas de aviões. A visita, ainda que rápida diante da intensa programação do dia permitiu ver/sentir/compreender o conceito diferenciado deste tipo de museu que guarda viva a cultura ali produzida todos os dias.

Seguimos para uma terreirada, a primeira a ser vista pelos estudantes, alguns de nós professoras da UFC, entre outros parceiros presentes. Num amplo terreiro em frente a uma residência muito simples, vimos Yasmin Pereira, uma das meninas da Fundação Casa Grande iniciar o ritual respingando água ao chão para baixar a poeira e limpar os caminhos para os amigos que chegam. Com o sentimento acolhedor que é típico do povo nordestino, todos os convidados foram convidados a comer um mungunzá, iguaria regional a base de milho e feijão, com carne de sol.

Alimentados, então, alegramo-nos com a apresentação do Reisado de Caretas do Couro, do Sítio Sassaré, em Potengi, sob a condução do Mestre Antônio Luiz. Numa performance ritmada, um “boi”, uma “sariema” (corruptela de seriema), um “véi” e uma “véia”, entre outros personagens da cultura popular, desafiaram-se em danças, na profusão de sons estranhos e no entrechoque de bastões próprias ao Maneiro-pau⁵. Na festa do Reisado, homens e meninos mascarados tanto assustaram quanto produziram sonoras gargalhadas no público presente, colaborando para a preservação da memória da festa que Sr. Antônio Luiz aprendeu com seu pai ainda criança.

Retornamos à Nova Olinda no início da noite, que seria especialmente longa, já que a festa da Renovação começaria à meia-noite. Ao chegarmos, a sala principal, onde a cerimônia de renovação ocorre, já começava a receber os primeiros cuidados de limpeza dos altares e santos dispostos no ambiente e sua posterior ornamentação, com flores de papel artesanais novas e coloridas, feitas especialmente para a ocasião. De acordo com a tradição local, esta última atividade é de competência exclusiva das mulheres, que tecem composições de cores e desenhos, inspirados nas sugestões dos presentes.

5 Bailado de roda típico do Nordeste dançado por homens que empunham bastões de madeira e extraem sons do seu entrechoque, marcando a cadência da música.

No horário marcado, a comunidade de Nova Olinda compareceu para cantar os parabéns e comer um imenso bolo dividido com quem chegasse, ao som da Banda Municipal de Nova Olinda e seu repertório de clássicos da música nordestina. Os estudantes de plantão vencem o cansaço do dia para editar as imagens e concluir as postagens previstas para publicação.

Nosso último dia em Nova Olinda, se iniciou com o hasteamento das bandeiras do Brasil e da Fundação Casa Grande, este último ao ritmo do hino da Fundação, aa canção “Essa Casa” de Moraes Moreira, a confirmar, entre outras coisas que: “Essa casa é tão bonita, como a gente que habita. Desde a rua até a porta, até a sala de visita, até o fundo do quintal. Todo mundo acredita no objetivo igual”.

O reconhecimento do pertencimento à casa é, então, celebrado no ritual de iniciação e/ou de renovação de entrega do uniforme da casa aqueles meninos e meninas que no decorrer do ano fizeram valer este vínculo. É um momento de muita emoção e troca de afetos, de celebração do vínculo com a Casa e a comunidade. Quem acompanha e/ou realiza a cobertura do ritual também sente. À tarde tem início o intenso fluxo dos grupos de tradições e visitantes que havia sido anunciado. A ideia é a de realizar um cortejo saindo da Casa Grande, dando algumas voltas pelas ruas do centro de Nova Olinda e retornando à Fundação. Nossa equipe já estava inteiramente integrada, dividindo-se nas atividades de bloqueio da rua, acolhida aos visitantes e organização do ingresso dos grupos e visitantes na Casa, além de acompanhamento e registro do cortejo pelas ruas. A casa fica repleta de gente de diversos cantos do país, gestores públicos e amigos da Casa. Os grupos alternam-se em prestar homenagem à Nossa Senhora, com gestos, orações, músicas e danças próprias. “Ali a Casa Grande sem dúvidas se torna o coração pulsante de Nova Olinda”, (João Everton Cavalcante, estudante de Sistemas e Mídias Digitais). A casa se enche de vida, brilhos e cores dos belos trajes dos grupos de tradição popular. O parquinho interno da casa acolhe crianças vestidas de reis e rainhas, lampiões e marias bonitas, entre outros.

Depois da experiência do sagrado, um forró pé-de-serra anima o ambiente, numa quadrilha improvisada fora de época. Nossa equipe faz os últimos re-

gistros da festa e realiza uma reunião final de avaliação com a meninada da Casa, que agradece o nosso trabalho e dedicação. Nossa fala é também de imensa gratidão pela experiência singular dessa aula-viagem às nossas raízes, à generosidade da nossa gente, e a partilha no processo de aprendizagem e encantamento pelo encontro com o humano que habita em nós. Na madrugada, às 4h, iniciamos nosso percurso de volta à Fortaleza, com a certeza, de que voltaríamos.

A viagem continua

Na bagagem, trouxemos, entre outros, o aprendizado das riquezas, diversidade e beleza da cultura popular; o conhecimento de rituais religiosos, festas, danças e gastronomia populares, e os sentidos locais e comunitários a eles atribuídos; o entendimento de que é possível aprender fazendo; a noção de que crianças, adolescentes e jovens são capazes de aprender, mas também de ensinar, inclusive a estudantes e professores universitários e que a experiência da viagem não terminou ali.

A aula-viagem de 2017 segue em nós projetando novas experiências vindouras para que mais estudantes e professores possam experimentar no corpo e na alma o que foi vivenciar a Festa da Renovação na Fundação Casa Grande.

Uma nova expedição se desenha para dezembro de 2018 com o desejo de contribuir com a cobertura dos 26 anos da Fundação Casa Grande. Estudantes que foram em 2017 planejam voltar. Querem reviver a emoção de fazer parte daquele momento único de celebração da cultura popular.

Referências

AVENA, B. M. Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento. Itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans) formação de si. (2008) Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFBA. Salvador. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11806/1/Tese%20Biagio%20Avena.pdf>>. Acesso em 20.07.2015.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 10.10. 2018.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE. Fundação Casa Grande completa 25 anos. Press Release.

KOHAN, Walter. Infância, estrangeiridade e ignorância. Ensaios de Filosofia e Educação. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

NASCIMENTO, M. L.; COIMBRA, C. M. B. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: Geisler, A. R. R.; Abrahão, A. L. e Coimbra, C. (Org.). Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde. Niterói - RJ: EDUFF, 2008, p. 143-153.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia. Cartografar é traçar um plano comum. IN: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e TEDESCO, Silvia. Pistas do método da Cartografia: a experiência e o plano comum (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2011.

Sobre os autores

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante - Jornalista, professora do Curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará. Mestre e doutora em Educação Brasileira (UFC). Coordena o Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LABGRIM). Docente do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará. É coordenadora do Projeto de Extensão Navegando numa boa: uso seguro da internet para crianças e adolescentes. Integrou por dez anos a Rede de Comunicadores Solidários (Pastoral da Criança/UCBC). É coautora do livro Qualidade na Programação Infantil na TV Brasil (Ed. Insular). E-mail: andrea@virtual.ufc.br

Erica Âtem Gonçalves de Araújo Costa - Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2001), Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2006), doutora em Educação brasileira da Universidade Federal do Ceará/UFC (2015), linha de pesquisa Desenvolvimento e Educação da criança. Membro do Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LABGRIM). Professora Adjunta II do Curso de Psicologia da UFC, na área Psicologia nas Instituições e Processos Grupais. Colaboradora do Programa de Extensão Violências, Exclusão Social e Subjetivação- VIESES/UFC, curso de Psicologia, do qual faz parte como pesquisadora e orientadora de ações de extensão. Interesses de pesquisa: modos de subjetivação e infâncias, processos formativos escolares ou não e análise de práticas discursivas e não discursivas. E-mail ericaatem@yahoo.com.br

Inês Sílvia Vitorino Sampaio - Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1999), com Doutorado Sanduíche na Westfälische Wilhelms Universität Münster e estágio Pós-Doutoral na Université du Québec à Montréal, UQÀM. Foi vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação - Compós (biênio 2014-2015), tendo sido secretária-geral no biênio 2011-2013. É Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, vice-coordenadora do Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LABGRIM) e coordenadora do Projeto de Extensão TVez: Educação para o uso crítico da mídia. É autora do livro Televisão, Publicidade e Infância, coautora do livro Qualidade na Programação Infantil na TV Brasil, entre outros. E-mail: ines-vict@gmail.com